

Anne Martina Emonts



Organizações Não Governamentais
do Conselho Consultivo da Comissão
para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres

**«ONDE HÁ GALO
NÃO CANTA GALINHA»**

**Discursos Femininos, Feministas
e Transgressivos nos Anos Vinte
em Portugal**

**O Caso do Suplemento Literário e Ilustrado
de *A Batalha* (1923-1927)**

16

A criação do "*Suplemento Literário e Ilustrado* de *A Batalha* deve-se ao facto de que, além da classe operária, o diário "aglutinou sectores progressistas da burguesia, sendo numerosos os jornalistas e intelectuais que colaboraram nas suas páginas". Este facto, bem como a existência de operários cultos autodidactas, explica o lançamento, a partir de 3.12.1923, do "*Suplemento Literário e Ilustrado*".¹

A publicação de um "folhetim" semanal não se deve, apenas, aos sectores progressistas, incluindo, supostamente, os elementos do sexo feminino. Ao folhearmos e lermos o *Suplemento*, damo-nos conta de que os redactores de *A Batalha* sentiam a necessidade de transmitir a sua mensagem a um público mais vasto: eventualmente às mulheres, às crianças, e à família dos operários.²

[...]

Em termos de descrição "física" da fonte, é de salientar a sua regularidade, publicando-se sem interrupção alguma, contendo um total de 1328 páginas, apresentando um *layout* profissional, bem planeado, com rubricas regulares. Uma das páginas (a última) é sempre dedicada às crianças. Uma outra era dedicada a temas práticos ou de carácter científico, inserindo normalmente, um artigo de divulgação médica, entre outros que abordavam a questão candente da higiene social.

O artigo de fundo do primeiro número desta publicação, na primeira página, resume, em poucas palavras, as razões que conduziram à sua criação: "Saber para poder, Saber o que se pode fazer", como se intitulava. Estes três verbos - saber, poder, fazer, correspondem à visão político-histórica do *Suplemento*: o operariado tem que ser ensinado e aprender para adquirir os conhecimentos necessários para a acção ou para poder agir.

¹ Luís Garcia e Silva, "Suplemento Literário e Ilustrado - A Batalha", in Daniel Pires, *Dicionários da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996, p. 351.

² Assim como *O Semeador* tinha *A Semeadora*, o *Público* de hoje necessita da sua *Pública*, muito embora este periódico não seja uma revista feminina - e o *Suplemento*, o *corpus* em estudo, não o terá sido. O facto de o *Suplemento* ter sido publicado às Segundas-feiras fundamenta-se no facto de a sua produção e impressão se efectuar no fim de semana.

O programa do *Suplemento* "literário" enquadra-se, portanto, na doutrina anarquista, unificando a teoria com a *praxis*, dentro dos limites do possível, quer dizer, em conformidade com a progressão do movimento operário. Por outras palavras: o *Suplemento* quer educar o operariado para a acção. Denuncia a ignorância como causa dos males, ataca a "classe política": "Não é *brincando* às conspiratas, não é andando aos segredinhos, em senhas e acênos maçonicos, à mistura com tragos de alcóol por esses botequins e tabernas que se fazem revoluções". Pelo contrário, é a "Educação", o "Saber" e a "Sciência" o remédio santo da revolução, que passa pelo indivíduo "como o sangue, percorra todo o seu corpo e impregne todos os seus tecidos", contra as "imoralidades", em favor da "Verdade" e da "Justiça".

O *Suplemento* é um "Orgão de exposição doutrinária e elemento de educação e de aperfeiçoamento moral e intelectual, ele destina-se a ser companheiro espiritual do operário [!] e contribuir para a formação da sua consciência revolucionária" e colaborando na "transformação social que empreendermos.

Em resumo: o periódico em causa foi concebido como um meio de propaganda, utilizando estratégias discursivas de teor pedagógico com traços de argumentação organicista e utópica.